

MANUEL QUERINO
NARRATIVA E IDENTIDADE DE UM INTELLECTUAL
AFRO-BAIANO NO PÓS-ABOLIÇÃO

MANUEL QUERINO
NARRATIVE AND IDENTITY OF AN AFRO-BAHIAN
INTELLECTUAL IN POST-ABOLITION

MARIA DAS GRAÇAS DE ANDRADE LEAL*

RESUMO

A trajetória intelectual do afro-baiano Manuel Querino (1851-1923) tem o objetivo de contribuir aos estudos sobre intelectuais negros ainda incógnitos na historiografia atual. Ideias, métodos e abordagens caracterizam um modelo inovador da sua obra, por revelar protagonistas ausentes na historiografia tradicional, como africanos e descendentes. A obra produzida entre 1903-1922, em particular *A Bahia de Outrora* (1916), aqui discutida, é a via preferencial para compreendê-lo e recapturá-lo no emaranhado do seu texto e do contexto em que viveu, enquanto depoimento de quem testemunhou e analisou o cotidiano da Salvador do pós-abolição. Querino debruçou-se sobre as marcas identitárias do Brasil mestiço ao incluir a população afro-brasileira na escrita da história.

PALAVRAS-CHAVE: Manuel Querino; Intelectual afro-baiano; pós-abolição e república; narrativa identitária.

ABSTRACT

The intellectual trajectory of afro-bahian Manuel Querino (1851-1923) aims to contribute to the studies about black intellectuals still unknown in the current historiography. Ideas, methods and approaches characterize an innovative model of his work, by revealing absent protagonists in traditional historiography, as africans and descendants. The written work produced between 1903-1922, particularly *The Bahia of yore* (1916), discussed here, is preferable to understand him and recapture him in the medley of his text and the context in which he lived, while testimony of those who witnessed and analyzed the daily life of the Salvador city of the post-abolition. Querino looked into the identit marks of the miscegenation in Brazil to include the afro-brazilian population in the writing of history.

KEYWORDS: Manuel Querino; Intellectual afro-Bahian; post abolition and republic; identity narrative.

Introdução

Manuel Querino, homem negro que viveu em um contexto de transformações políticas, culturais e sociais significativas na monarquia brasileira, foi um colecionador, observador crítico, etnólogo, historiador e militante das causas populares que envolviam, especialmente, interesses das populações trabalhadoras, escravizadas, libertas e livres. Reuniu, ao longo da vida, um acervo diversificado, transformando a sua residência em um verdadeiro museu. Assim descreveu Athayde, seu contemporâneo e companheiro de repartição:

...tinha em exposição lindos espécimes de obras de artes em miniaturas, adquiridos com muito trabalho, sacrifícios e muitas vezes com a intervenção de terceiros, verdadeiros primores artísticos, em madeira, cerâmica ou pedra, conseguindo um seletto museu de raridades, com a designação dos artistas seus autores; museu que por vezes fora visitado por homens de valor e de gosto, que se não excusavam de vencer distâncias para ir ali apreciá-lo; e tudo isso que descrevo e que tantas vezes admirei, parece-me que se desfez com a sua morte, bem como a sua limitada e bem escolhida biblioteca.¹

Numa quarta-feira de cinzas, a 14 de fevereiro de 1923, aquele homem franzino, com cabelos brancos e vestido com o inseparável e impecável terno escuro, era velado em sua casa no Matatu Grande. Cercado pelos familiares e amigos e, ainda, pelas suas raridades que incluíam discos, violão, livros e tantos outros vestígios de uma vida dedicada às letras, às pesquisas, à música, à arte, política, ao ensino e a tantos outros mistérios, Querino passava a ser interrogado pelo futuro, pela história.²

Alguns sabiam que ali descansava uma pessoa ilustre, com uma vida a ser desbravada pela posteridade. Às 16 horas, o féretro saiu em direção ao cemitério da Quinta dos Lázarus, “com extraordinário acompanhamento de pessoas de todas as classes e alta representação oficial”.³ Afinal era o Querino para os amigos, o Manuel Querino para a intelectualidade, o Manuel Raymundo Querino

de nascimento que passava conduzido pelo bonde da Companhia Linha Circular em direção à sua última pousada.⁴

Discursos de despedidas foram proferidos por pessoas do seu círculo profissional e de amizade como o Major Cosme de Farias, Dr. Marinho Braga, os professores Oséas Santos e Antônio Vianna, este último representando o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. E assim, muitos jornais noticiaram o passamento de tão ilustre figura que deixava “inúmeros testemunhos de pesar” junto à viúva D. Laura Querino e aos dois filhos, Paulo Querino, artista violinista, e professora Anatildes Querino.⁵

Outras homenagens se sucederam durante a semana e após 30 dias nas diversas instituições por onde havia atuado, como na Câmara Municipal, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, no Centro Operário da Bahia, na Secretaria da Agricultura, Indústria, Comércio, Viação e Obras Públicas do Estado da Bahia, na Sociedade Protetora dos Desvalidos, no Colégio dos órfãos de São Joaquim, Liceu de Artes e Ofícios, na Escola de Belas Artes, e em tantas outras instituições de beneficência onde havia sido sócio de grande influência e contribuído com o seu trabalho.⁶ As homenagens e notícias na imprensa foram-se escasseando e nova personalidade o substituiu no noticiário - Ruy Barbosa. O falecimento, em 01 de março de 1923, do advogado, político e jurista baiano, nacionalmente repetido pela sua inserção em importantes movimentos políticos, como o republicano, reverberou no cenário nacional e diversas notícias sobre sua morte, seguidas de necrológios, multiplicaram-se pela imprensa, enquanto Manuel Querino era colocado à sombra. Contudo, algumas instituições ainda lembravam do seu nome em datas memoráveis, como do seu nascimento e da sua morte. Um exemplo da sua presença na memória baiana, foi a homenagem da Universidade Federal da Bahia ao cinquentenário da sua morte, com a realização, entre os dias 16 e 28 de julho de 1973, do curso “Vida e Obra de Manuel Querino”, coordenado pelo Professor Waldir Freitas de Oliveira.

Ainda que escassa, a lembrança de Manuel Querino, especialmente relativa à sua obra, estava presente particularmente na memória intelectual baiana. Seus rastros foram perseguidos, aqui e acolá, por pesquisadores e intelectuais interessados em seus trabalhos publicados nos anos iniciais da República. Entre eles, destacam-se os antropólogos que se dedicaram a interpretar a sua obra na ótica dos estudos sobre o africano na Bahia, como Arthur Ramos e Édson Carneiro. Estes, ao lerem Manuel Querino nos anos de 1930, adotaram um posicionamento crítico ao considerarem seu trabalho sem o rigor científico comparado ao de Nina Rodrigues, por exemplo. Outros intelectuais, contudo, já citavam Querino como referência para os estudos sobre os africanos, como Homero Pires, organizador e prefaciador do livro de Nina Rodrigues *Africanos no Brasil*, publicado em 1932, e Gilberto Freyre em *Casa-grande e Senzala* (1933) e no Prefácio do livro de Luis Viana Filho, *O negro na Bahia* (1946).⁷ Outro pesquisador e antropólogo dedicado aos estudos sobre a religiosidade africana na Bahia, Vivaldo da Costa Lima (1925-2010), anunciava, em alguns encontros científicos, o seu interesse por Manuel Querino pela sua vinculação ao candomblé de Mãe Menininha do Gantois. Segundo Costa Lima, tinha entrevistas não publicadas sobre a memória da presença de Querino nos terreiros de Salvador.

Para além da importante contribuição de Manuel Querino aos estudos sobre a cultura afro-brasileira, o seu trabalho intelectual privilegiou outros aspectos sociais, culturais e políticos, uma vez ter pesquisado, refletido e escrito sobre temas diversificados que envolveram a vida do negro trabalhador, o cotidiano da cidade do Salvador, a herança africana nos costumes brasileiros, os artistas e operários desprezados pela República, e tantos outros destacados eventos históricos, como as lutas pela independência na Bahia. Reuniu em sua obra escrita entre os anos de 1909 e 1922, impressões que refletiam a sensibilidade do artista, pesquisas empíricas articuladas a um método etnográfico inaugural posteriormente seguido pelos antropólogos de profissão, reflexões

críticas que argumentavam sobre o lugar (ou não-lugar) do negro no pós-abolição, memórias compartilhadas sobre a sua trajetória de profissional e político nos anos finais da monarquia e vinte primeiros anos da República, que demonstram o investimento do pesquisador, estudioso e escritor/narrador na produção de textos que discutem e argumentam pontos de vista, refletem sobre as marcas identitárias na sociedade brasileira e registram angústias, alegrias, decepções, saudades, glórias, críticas e esperanças.

Oriundo das camadas populares, Manuel Querino sintetizou, em um único sujeito, diversas possibilidades para a compreensão das muitas dimensões que constituíram a vida de um homem e da sociedade em que viveu. É o que se evidencia ao esmiuçarmos as suas interferências nos processos de transformações vivenciados nos meados do século XIX e primeiros anos do XX na Bahia. Ora militando na política partidária, reivindicando direitos sociais e políticos aos trabalhadores, escravizados, libertos ou livres, negros, africanos, mestiços, pobres, ora atuando nos campos de luta como artista, professor e intelectual, Querino movimentou-se nos mais diferentes espaços de sociabilidade, traduzindo experiências individuais e coletivas.

Vestígios de uma trajetória

A filiação de Manuel Querino é cercada de interrogações. Nascido em Santo Amaro da Purificação no recôncavo baiano a 28 de julho de 1851, consta, no texto de batismo, ser filho legítimo de José Quirino e de Luiza. Foi batizado aos cinco meses de idade, na Igreja Matriz de Santo Amaro, tendo como padrinho Joaquim da Silva Victor. Ao lado do registro, uma anotação: Manoel menor, filho natural. Algumas suposições podem ser levantadas em torno das pistas sobre a sua filiação: poderia ter ocorrido, no ato de registro do batismo, um equívoco ou uma dúvida do escrevente quanto à situação legal da união dos pais de Querino? Por não ter a mãe o sobrenome correspondente, poderia ela ser uma escrava e só mais tarde teria adotado o sobrenome do seu senhor ou sua

senhora Rocha Pitta, ou ainda, ter formalizado a união com o casamento? Ao compararmos o batismo com o registro de casamento, as interrogações aumentam: consta ser filho legítimo de José Querino com Dona Luzia (e não Luiza) da Rocha Pitta, e no de óbito diz ser “ilegítimo de Maria Adalgisa”. Poderia ter sido criado, por algum tempo, por Maria Adalgisa ao ficar órfão de pai e mãe, vitimados pela epidemia do cólera em 1855?⁸

Na condição de órfão, foi tutelado pelo Bacharel, Professor e Político Manuel Correia Garcia. A partir de então, a cidade do Salvador se constituiu no palco das suas realizações. Pelas qualificações do tutor, Querino foi iniciado no estudo das primeiras letras e no aprendizado do ofício de pintor. Manteve-se sob a tutela do referido Professor até os 16 ou 17 anos de idade, quando se deslocou para a Província de Pernambuco e, de lá, para a do Piauí, onde fora recrutado para a guerra do Paraguai (1868-1870). Pelas suas habilidades, certamente por saber ler, escrever e contar, permaneceu no Rio de Janeiro, servindo como escriturário do seu Batalhão. Com o fim da guerra, em 1870, conseguiu baixa do serviço militar e retornou à terra natal. Na sua bagagem estavam contidas informações e experiências compartilhadas no contexto de grandes manifestações sociais e políticas no Império brasileiro que culminaram na abolição da escravatura e na proclamação da República. A conjuntura da guerra proporcionou alterações consideráveis no modo de pensar a sociedade, especialmente por parte das camadas populares e escravizadas.

A década de 1870 foi, para Manuel Querino, um período de aprendizados e exercícios nas quatro áreas de conhecimento e ação em que se ocupou ao longo da vida – trabalho artístico, educação, política e produção intelectual. De volta a Salvador em 1871, matriculou-se nos estudos preparatórios do recém-criado Liceu de Artes e Ofícios da Bahia (1872) e iniciou seu aprendizado de francês e de português no Colégio Vinte e Cinco de Março, enquanto trabalhava como pintor-decorador em obras de construção civil. Segundo Miguel Chaves, ex-diretor do Liceu de Artes e Ofícios, Querino teria integrado o grupo de artistas que aderiu à ideia de fundação do Liceu, “tendo

assinado uma das listas paroquiais e se seu nome não [figurava] entre os instaladores da velha instituição [foi] porque só contribuiu com a primeira quota em 1874”.⁹ Em 1874, foi distinguido em francês, obtendo aprovação plena em português.

Do Liceu seguiu o seu mestre Miguel Navarro & Cãizares na criação da Academia de Belas Artes (1877), participando da sua instalação, quando contratado para os serviços profissionais de pintor-decorador, por ocasião das reformas do Solar Jonathas Abbott, local inicial de instalação. Ali, diplomou-se Desenhista (1882), onde também cursou Arquitetura. Manuel Querino teve, na Academia, seu nome destacado entre os alunos fundadores.¹⁰

Ainda estudando arquitetura, em 1883 elaborou seu primeiro trabalho apresentado a um público intelectualizado. Intitulado “Modelos de casas escolares adaptadas ao clima do Brasil”, foi destinado ao Congresso Pedagógico do Rio de Janeiro e apresentado pelo Professor Antônio Bahia. Com isso, pode-se inferir que, por ser o autor negro e pobre, não teria condições sociais, raciais e nem prestígio profissional para efetivamente estar presente no referido evento. Mesmo assim, o *Jornal de Notícias* reconhecia o seu trabalho, ao lhe reconhecer como “artista de merecimento”, por elogiar o primeiro trabalho de arquitetura do referido estudante, o que revelava “a sua aptidão para ela (arte)”.¹¹ Seu nome passou a ser citado, o que se constituiu em passo essencial para se fazer presente em outras atividades que desenvolveu nesta área de atuação.

Como aluno e depois expositor das principais instituições educacionais abertas ao público modesto, o Liceu de Artes e ofícios da Bahia e a Academia de Belas Artes, Querino foi premiado com medalhas de bronze, prata e menção honrosa, conquistando reconhecimento profissional. Em 1885, foi nomeado membro do júri na Exposição da Escola de Belas Artes, iniciando sua inserção no universo intelectual da cidade.¹²

O currículo de Manoel Querino foi preenchido com suas ações político-sociais vinculadas às demandas da população trabalhadora livre e escrava e de

outras questões que afetaram diretamente os interesses das “classes artísticas e operárias” no contexto dos movimentos abolicionista e republicano. Participou dos respectivos debates acompanhando os acontecimentos e publicando, na imprensa local, artigos sobre o tema da escravidão.¹³ A sua fase de militância político-partidária (1876-1899) foi significativa o suficiente para serem identificadas dimensões pouco referenciadas sobre os rumos do nascente movimento operário na Bahia e sua participação no processo de constituição do regime republicano. Da sua base operária, Querino enveredou pelo mundo da política partidária, integrando-se aos movimentos sociais relacionados às causas das liberdades, da democracia e da cidadania, direcionados, sobretudo, aos interesses das classes populares, englobando trabalhadores manuais, artífices, artesãos, operários. No Império, militou no trabalhismo, participando da criação da Liga Operária Bahiana (1876) e, na República, foi um dos fundadores do Partido Operário (1890), a partir do qual foi conduzido ao Conselho Municipal, assumindo o cargo de Conselheiro por duas legislaturas (1891-1892 e 1897-1899).

A Liga Operária Bahiana se constituiu, para Manuel Querino, em porta de entrada para a sua atuação pública na política. Ali, tornou-se um representante das classes trabalhadoras, uma das primeiras lideranças da nascente classe operária baiana e interlocutor dos negros junto aos poderes constituídos, militando em um movimento sociopolítico mais amplo no “guarda-chuva” do abolicionismo. Como militante, foi considerado “uma das primeiras lideranças classistas do movimento operário baiano”¹⁴, ou ainda “pioneiro do Trabalhismo no país”¹⁵, e fundou dois jornais – *A Província*, que circulou entre os anos de 1887 e 1888 e *O Trabalho* em 1892 – os quais debatiam sobre as condições de vida e de trabalho dos trabalhadores.

No Conselho Municipal, Querino esteve envolvido em diversos debates sobre assuntos variados. A sua maior contribuição, contudo, esteve relacionada à urbanização da cidade do Salvador. Elaborou e apresentou projetos voltados à

ordenação dos serviços públicos e a obras de melhoria das condições urbanas, à regulação do uso do solo, etc. O tema que afligia as camadas populares foi tratado por ele no âmbito da defesa da instrução, com o restabelecimento e criação de aulas públicas nos diversos pontos da cidade, a inclusão nos orçamentos municipais de subvenções para o Liceu de Artes e Ofícios, Colégio dos Órfãos de São Joaquim, a Escola de Belas Artes e sociedades mutuárias e a isenção da décima urbana das associações de trabalhadores.

Entre os anos de 1893-1897, período em que esteve afastado do Conselho Municipal, aproximou-se de instituições como do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB). Nesse período, a luta pela existência ficou mais ostensiva, pois possuía uma família de quatro filhos, com o último nascido em 1894. Integrou a Guarda Nacional como 1º tenente na cidade do Salvador¹⁶ e ingressou como auxiliar de desenhista na Repartição de Obras Públicas (1893). Foi nomeado professor de desenho industrial no Colégio dos Órfãos de São Joaquim (1895)¹⁷ e pleiteou, sem sucesso, nomeação de professor da cadeira de desenho linear na Escola de Belas Artes, a qual fora preenchida pelo Prof. Agrippiniano Barros (1895).¹⁸

Na então Repartição de Obras Públicas, ingressou como auxiliar de desenhista¹⁹ e, na reforma das Repartições do Estado pela Lei 115 de 16 de agosto de 1895, quando passou a denominar-se Secretaria da Agricultura, Viação, Indústria e Obras Públicas, passou a exercer o cargo de 3º. Oficial, no qual permaneceu até 1916, quando foi colocado à disposição, com a garantia dos vencimentos integrais, sem nunca conseguir promoção, como era o seu desejo, demonstrado pelas petições encaminhadas neste sentido. Desempenhou funções de amanuense, escriturário, serviços de contabilidade e, freqüentemente, ao assumir interinamente o cargo de 2º. Oficial em substituição, de almoxarife. O seu afastamento compulsório do serviço público lhe propiciou a dedicação exclusiva ao magistério, ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e à produção de conhecimento nos campos em que atuou.²⁰

Querino marcou sua presença nas associações beneficentes e irmandades religiosas. Estas se constituíam em espaços de sociabilidade que, além de assegurar proteção material e espiritual, também garantiam certo grau de importância e prestígio para a vida dos associados. Muitos artistas e operários apareciam com frequência, simultaneamente associados a mais de uma Sociedade, como foi o caso de Manuel Querino: apareceu, no Império, na Liga Operária Bahiana (1876), na Irmandade de Nossa Senhora da Conceição do Tororó (1884 – como escrivão) e, na República, na Sociedade Monte Pio dos Artistas (1894), no Liceu de Artes e Ofícios (provavelmente anterior a 1893), na Sociedade Protetora dos Desvalidos (1877 e readmitido em 1894) e na Sociedade Beneficente Auxílio Fraternal (Presidente da Assembléia Geral – 1898). Certamente, este fato, além de lhe garantir mais possibilidades de acesso aos auxílios, também lhe proporcionava mais prestígio e oportunidade de reunir aliados políticos.

Após seu último mandato de Vereador (1897-1899), retirou-se do jogo político-partidário. Continuou sua militância dedicando-se ao ensino, à pesquisa, à produção de conhecimento e à publicação de trabalhos históricos, etnográficos, folclóricos, jornalísticos, memorialísticos, artísticos, nos legando vasta obra sobre as artes na Bahia, os costumes, o cotidiano e a cultura afro-brasileira. Neste sentido, aqui será destacada a sua atuação intelectual e, em particular, suas ideias a respeito da República no contexto do pós-abolição e sobre aspectos identitários relativos à formação do povo brasileiro, a partir da obra “A Bahia de Outrora”, publicada em primeira edição no ano de 1916.

Uma obra engajada: entre ciência, memória e empiria

“Ilustre escritor e artífice baiano”, “professor-pesquisador-historiador”, “precursor do design brasileiro”, “ícone do design baiano” são alguns atributos consagrados ao militante e político engajado nas causas da liberdade e da inclusão social de trabalhadores, artistas, operários, negros e pobres que

reivindicavam cidadania na prometida República. Através do IGHB²¹ e de algumas articulações com periódicos e gráficas locais, Querino veiculou e perpetuou suas ideias, tornando-se pioneiro ao debruçar-se nos estudos e nas pesquisas que inauguravam o debate em torno da identidade brasileira, cujo principal fator identitário estava intrinsecamente vinculado aos saberes e fazeres da população africana e seus descendentes.

Como intelectual afro-brasileiro, se interrelacionou com os universos da cultura dita popular e erudita. Nos campos de lutas cotidianas estabelecidas nas ruas, terreiros de candomblé, associações artísticas e operárias, nos botequins, bem como nos círculos políticos e de letrados, como nos partidos, no Conselho Municipal, nas academias, no IGHB, nos Colégios, Manuel Querino experimentou, articulou, analisou criticamente e produziu a sua literatura, destacando as contradições presentes na sociedade brasileira e baiana em particular no interior da nova ordem republicana que aderiu ao ideal de “civilização” e “progresso” na esteira do poder da ciência. Como pesquisador, Querino enveredou pela história do africano, do negro nacional, das camadas populares, dos trabalhadores, dos artistas, dos operários que, para ele, se constituíam em foco das preocupações intelectuais, sociais e políticas, apoiando-se nos princípios positivistas em voga, além de utilizar-se da memória e da oralidade.

Entre 1903 e 1922, produziu a sua escritura na perspectiva da história-testemunho enquanto participante, observador, pesquisador crítico que viveu em um período de muitas transformações no interior de tantas outras permanências que marcaram os processos que culminaram na abolição da escravidão e implantação e “consolidação” da república no Brasil.²²

Os “heróis” e “grandes eventos” fixados por Querino foram retirados do meio popular e do seu cotidiano. Foram registros mais ou menos ordenados de acontecimentos fortuitos, de tradições de grupos africanos remanescentes da escravidão, ameaçados de extinção e fadados ao esquecimento. Seus escritos

inauguraram, junto com Nina Rodrigues, estudos e registros sobre o africano como constitutivo de uma identidade em construção e ao mesmo tempo negada pela “ciência” iluminista, aprisionada no seio das elites brancas e letradas. Arthur Ramos oferece algumas pistas interessantes sobre o valor da “cientificidade” de Nina Rodrigues em detrimento do “investigador” Manuel Querino. O diálogo temático que estabeleceu com a obra de Nina Rodrigues esteve intrinsecamente relacionado a posições teóricas opostas. Manuel Querino, nesse sentido, respondeu à tese racista de Nina Rodrigues, de forma a positivar a presença africana na formação da cultura brasileira em contraposição aos argumentos biológicos do negro como raça “inferior”. É importante realizar um recorte sobre as discussões alimentadas a partir da segunda metade do século XIX, com desdobramentos no século XX, sobre o projeto de “branqueamento” da nação brasileira e consequente “apagamento” do negro.²³

Através do testemunho de Querino, revestido de lembranças e conteúdos político-sociais, foram reveladas vivências de outros sujeitos e autores que fizeram a história, em detrimento dos grandes feitos e heróis que hegemonizavam a escrita historiográfica, particularmente aquela produzida no interior dos Institutos Históricos no Brasil. Desenvolveu, assim, uma linguagem baseada em suas experiências, observações e interpretações. Enquanto produto de vivências e observações, ele procurou a sua origem ancestral e demonstrou a diversidade das influências culturais para a formação da identidade nacional, “recordando-nos que nossa identidade não foi estruturada apenas por monarcas, primeiros-ministros ou generais”, mas também por indivíduos das classes inferiores, cujas ações afetaram o mundo, e “que grande parte de seus segredos, que poderiam ser conhecidos, ainda estão encobertos por evidências inexploradas”.²⁴

Como texto memorialístico, e em certa medida autobiográfico, considerado uma “escrita do eu” permeada pela identificação entre autor/narrador/personagem, Querino materializou-se em sua obra, desejando

ressuscitar o que seria esquecimento e, desta forma, “lembra(r) para continuar vivendo e tomar consciência de si”.²⁵

A sua obra está distribuída em duas fases que se complementam. A primeira, elaborada entre 1903 e 1916, se caracterizou pela produção de ensaios, artigos, crônicas publicados em periódicos e livros que retratavam, criticamente, a situação das artes e dos artistas, dos trabalhadores manuais, no contexto republicano. Narrando e rememorando fatos, recuperou biografias de artistas contemporâneos, produzindo uma memória da produção artística através de sujeitos históricos, social e profissionalmente desprezados pelo avanço das técnicas e dos monopólios, bem como do preconceito e discriminação para com o trabalhador nacional, em sua maioria negra e mestiça, livre ou egressa do cativeiro.

Em *As Artes na Bahia*²⁶, Querino estabeleceu a relação entre trabalho e arte nas diversas expressões, inserida no contexto de transformações socioculturais e políticas experimentadas pelos artistas e artífices no processo de formação do operariado urbano. Querino inaugurou uma forma de registro articulado à memória e às pesquisas documental e oral, inserindo social e politicamente o tema da arte e do trabalho nas discussões que transitavam em torno da montagem de uma república disfarçada de democracia e que tratava com indiferença as suas tradições coloniais e imperiais representadas pelo “povo trabalhador.” Ou seja, pela mão de obra negra, mestiça, que remetia ao passado escravista. Ressaltou a existência de artistas que deixaram valiosas obras e denunciou as condições de abandono, de miséria, de esquecimento em que viviam. Certamente foi quem iniciou uma discussão a respeito da preservação do patrimônio e do resgate das matrizes culturais, somente aberta nos anos de 1930.

No trabalho de resgate das atividades de artistas, autores de obras que ornamentavam igrejas, edifícios públicos e privados, fossem eles laureados ou não, Querino procurou recuperar talentos despercebidos na história da Bahia e do Brasil. Elaborou, desta forma, uma história social da arte vinculada à história do trabalho, ao

relacionar aspectos da produção artística à situação social de seus autores, na condição de trabalhadores que viviam da sua arte. Com a intenção de demonstrar, através de obras e autores, a riqueza artística produzida na Bahia e no Brasil, Querino pretendeu dignificar artistas anônimos enquanto protagonistas da formação cultural, social e econômica brasileira. Nesse sentido, o seu trabalho de recolher nomes, aqui e acolá, na sua maioria de origem pobre e cultural e socialmente invisibilizada, foi uma resposta que pretendeu dar àqueles que desdenhavam da produção artística brasileira, ou ainda, do trabalhador nacional – de maioria negra e mestiça –, rejeitado e excluído do projeto vislumbrado de nação recém-saída da escravidão e da monarquia.

Os seus escritos foram, simultaneamente, acolhidos e criticados. A partir dos anos de 1930 as versões escritas sobre Querino foram concentradas na sua obra, especialmente relativas aos trabalhos acerca do negro na Bahia, período em que os estudos sobre a mestiçagem e a influência africana na cultura nacional foram-se tornando tema preferencial da antropologia. Em 1938, foram reeditados alguns dos seus trabalhos na coletânea *Costumes Africanos no Brasil* organizada por Arthur Ramos, na qual o próprio Ramos salientava ser aquele período caracterizado por um movimento de interesse pelo “problema do negro, no Brasil, não [podendo] ser esquecida a contribuição de Manuel Querino”.²⁷ Apesar da inegável importância da obra de Querino para os estudos africanos, a avaliação que fazia desconsiderava o valor “científico” do que realizou, em comparação ao nomeado cientista Nina Rodrigues.

Enquanto alguns poucos intelectuais o consideravam fonte privilegiada para os estudos das artes, dos costumes, das tradições e dos africanos, outros prosseguiram no questionamento sobre o valor científico da sua produção. A maior polêmica surgiu com Carlos Ott, pesquisador das artes na Bahia. Ao conhecer, em 1946, um manuscrito na Biblioteca Nacional, sob o título *Noções sobre a procedência da arte de Pintura na Província da Bahia*, sem identificação de data, local, nem autoria, chamou-lhe a atenção a semelhança do seu conteúdo presente no livro de Manuel Querino, *Artistas Bahianos*. Após análises dos

dados registrados no manuscrito, atribuiu a autoria ao pintor José Rodrigues Nunes, salientando a “liberalidade com que Querino se serviu do trabalho alheio, sem a necessária alusão à fonte, em seu referido e famoso livro.”

Clarival Valladares, em defesa do acusado, procurou evitar que a denúncia sobre Manuel Querino continuasse a deteriorar sua memória e argumentou:

[...] será justo indagar-se se a utilização de um texto anônimo, limitado e incompleto, aproveitado por outro autor nos fins dos oitocentos e começo dos novecentos, como subsídio de uma obra que se estende muito além do documento, é, em verdade, um ato doloso.

Querino entendeu-o como documento de uma tradição local, que ele procurou ordenar e fixar, permitindo aos pósteros melhor aproximação de estudo ao passado, mesmo ao preço da correção dos erros daqueles que fazem os primeiros caminhos, as primeiras pontes, a primeira luz do conhecimento.²⁸

Possivelmente esta tenha sido a matriz que originou as diversas desconfiças que se sucederam sobre a obra de Querino, em função de “eventuais erros de precisão científica...”²⁹ ou ainda da “falta de preparo científico”.³⁰ Apesar de se referir às qualidades de Manuel Querino, como “benemérito divulgador de suas obras de arte, e biógrafo dos autores do melhor patrimônio que o passado nos legou...”, Marieta Alves, também pesquisadora das artes na Bahia, apelava para que o livro *Artistas Bahianos* fosse revisto e apresentado “em condições de prestar aos estudiosos informações seguras e mais completas sobre os artistas da Bahia.”³¹ Contudo, quem o conheceu, como Torquato Bahia, autor do Prólogo desse livro, o referendou como um “livro desprezioso, mas sincero e verdadeiro, feito à luz de fatos históricos, sem enxertos, nem fantasias”³², demonstrando ter o autor investido muito trabalho para realizá-lo em consulta a arquivos, jornais, obras diversas, além de ter

realizado entrevistas com antigos artistas, colhendo “tradições de nomes que a crônica baiana registra”.³³

A partir da análise crítica da sua obra, pode-se concluir que a atitude intelectual de Manuel Querino é incontestável. Apesar das críticas agudas ao seu trabalho de pesquisador, bem como dos elogiosos depoimentos de contemporâneos, especialmente do IGHB, a sua produção literária perseguiu propósitos científicos da época, além de incluir métodos inovadores ao utilizar-se da memória e da oralidade, além de colocar na pauta uma discussão que incomodou a muitos intelectuais, ao destacar e reivindicar a importância da cultura africana na formação da nação brasileira. Dialogou com intelectuais, como Mello Moraes (pai), Braz do Amaral e outros. Questionou “verdades históricas” reproduzidas sem as devidas averiguações. Polemizou e interrogou a história dita “oficial”. Teria criado desassossegos para alguns intelectuais da época, ao se posicionar naquele circuito restrito e destinado às elites letradas. Em Episódio da Independência, Querino analisou a “guerra de independência” na Bahia, observando, as “injustiças históricas” praticadas sobre os “verdadeiros” patriotas que lutaram em defesa da liberdade. Utilizando-se da oralidade de contemporâneos, narrou a atuação de Labatut na guerra, a qual havia desagradado o povo, os soldados, os altos escalões do exército e as elites políticas, pelo desrespeito com que tratava a todos.³⁴

No que diz respeito aos assuntos que pesquisou, narrou, descreveu, interpretou, Querino teve o cuidado de articular empiria, dados bibliográficos, fontes escritas e orais, associando à sua memória pessoal aspectos até então desdenhados pela historiografia vigente, refletindo sobre eles e interpretando-os à luz da sua experiência, da sua origem de classe e de raça. Foi múltiplo nas suas abordagens e, portanto, ampliou o leque de conhecimento nas esferas dos costumes, das tradições, do trabalho e da arte, apoiando-se, em todo o seu percurso intelectual, na crítica política. Ao denunciar o esquecimento, afirmava sobre a existência e a importância do negro na composição da identidade

nacional e, como ambicioso pelo saber, esforçou-se em garantir o lugar de destaque na cena social, pelo talento e mérito. Individualmente, pode colher reconhecimento social em função do patrimônio intelectual que reuniu ao longo da sua trajetória de estudioso.

O africano colonizador

Na segunda fase de sua obra (1916-1922), dedicou-se a estudar e narrar costumes populares. Através da memória e da oralidade, recuperou práticas cotidianas, bem como as tradições africanas, enfatizando a contribuição do africano na constituição da civilização brasileira. Resgatou, positiva e afirmativamente, a participação produtiva, talentosa, criativa e digna de africanos e descendentes, respondendo, com uma interpretação inovadora, às teorias raciais do século XIX que os consideravam raça inferior e incapaz de criar civilização.

Nessa fase, Manuel Querino mergulhou numa outra interpretação sobre os caminhos e descaminhos experimentados pela população de cor após a abolição da escravidão até a “consolidação da República”. Deixou transparecer uma profunda angústia ao concluir que, além de humilhado socialmente, os negros, os artistas e trabalhadores eram humilhados e discriminados culturalmente, especialmente por se tratar da sua origem étnica.

Em 1916, Querino publicou *A raça Africana e seus costumes na Bahia*, obra na qual a temática popular e do negro foi analisada numa perspectiva que ia de encontro às teorias raciais em voga. Ele ressaltou, a partir da trajetória do trabalhador africano no Brasil, o seu valor na formação da sociedade brasileira através de seu trabalho e dos costumes trazidos da África. Descreveu os costumes africanos no candomblé, nas festividades, nos funerais e casamento e sobre a revolta de 1835 (dos malês).³⁵ Protestou “contra o modo desdenhoso e injusto por que se [procurava] deprimir o africano, acoimando-o constantemente de boçal e rude, como qualidade congênita e não simples condição circunstancial, comum, aliás, a todas as raças não evoluídas”.³⁶ Arthur Ramos,

ao comentar esta passagem, a considerou de vanguarda por ter o autor se insurgido “contra o preconceito de inferioridade antropológica do negro, atribuindo o seu atraso a contingências socioculturais e não à inferioridade de raça.”³⁷ O texto *A raça Africana e seus costumes na Bahia* foi apresentado no 5º Congresso Brasileiro de Geografia, sendo o único estudo de conteúdo racial no rol de outros específicos inscritos no evento.³⁸

Ainda em 1916, publicou *A Bahia de Outr’ora – vultos e factos populares*, onde reuniu artigos e crônicas, alguns já publicados em jornais locais e na *Revista do IGHB*. Dois anos depois, *O colono preto como fator de civilização brasileira* discorria sobre a importância do africano para a civilização brasileira, referindo-se às práticas da colonização portuguesa pelo colono branco e pela escravidão indígena e africana. Este estudo veio marcar a sua discussão acerca da trajetória de sofrimentos e resistências dos africanos, transformados em referências de força e dedicação com que produziram a cultura brasileira. Tratou da chegada do africano no Brasil, suas habilitações, primeiras ideias de liberdade, suicídio e violência contra os senhores, resistência coletiva, *Palmares* e levantes parciais, juntas de alforrias e o africano na família e seus descendentes destacados nas artes, na política, na educação.

Querino recuperou a cultura africana, experimentada e pesquisada através da tradição oral, e inaugurou, positivamente, a abordagem etnográfica da formação da sociedade brasileira a partir da influência africana. Estabeleceu, a priori, um debate em torno das teorias raciais apoiadas na eugenia e inspiradas em Lombroso, cujo principal seguidor na Bahia foi Nina Rodrigues. Com esse referencial interpretativo sobre a raça africana, estabeleceu um diálogo com Nina Rodrigues através das afirmações “não-científicas” de um e das análises “científicas” de outro.

Em *A Bahia de Outrora*, Querino narrou, noticiou, descreveu as tradições culturais então ameaçadas de desaparecer no contexto demolidor da República. Esse trabalho repercutiu positivamente no meio intelectual, enquanto

conjunto de artigos “curiosos”, “quadros pitorescos”, “reunião de festividades, usos, costumes e tipos” que caracterizavam a Bahia como a cidade “mais alegre do Brasil”.³⁹ Em notícia publicada sobre o referido livro, Manuel Querino foi tratado como “inteligente artista e festejado escritor tradicionalista” que restaurava a Bahia de outrora, relembrando e descrevendo minuciosamente a vida baiana na antiga cidade do Salvador. “Escrito em estilo correntio, [tinha] o sabor de uma documentação autêntica sobre o passado desta cidade...”, por ser um “livro de recordações” em que associava “homens e tipos excêntricos” que viviam da tradição oral, provocando na “geração moderna a medida da diferenciação e do progresso que se operou de uma a outra”.⁴⁰

Esta foi a leitura que permaneceu até recentemente. Manuel Querino foi considerado um folclorista, apesar de alguns antropólogos se referirem a ele como “etnólogo prático”. Neste conceito estão contidos dois aspectos do racismo e preconceito: tratar das práticas africanas significava tratar do “folclore”, tendo em vista serem os africanos considerados primitivos, inferiores, e suas culturas qualificadas de menor valia, exóticas, porque dificilmente seriam construtores de “civilização”; e a competência do “tradicionalista” Manuel Querino se limitava a narrar tais aspectos culturais de menor valia – era um negro, de origem operária, esforçado, inteligente, mas carente de erudição e ciência.

Nesse trabalho em particular Manuel Querino revelou a sua indignação, ora criticando os descaminhos adotados pelas elites republicanas, ora ironizando ou provocando o leitor atento ao seu testemunho desabonador sobre aquela República implantada. Diferentemente do que se pretendeu com a mudança do regime, que previa igualdade, democracia, cidadania, soluções sociais especialmente para as classes trabalhadoras, Querino apontou o oposto. Não poupou críticas e, conseqüentemente, arregimentou um punhado de inimigos políticos e intelectuais que o pressionaram e o desvalorizaram, especialmente no plano profissional.

A sua produção respondia criticamente aos valores projetados para a implantação da Bahia “civilizada”, constatando, historicamente, sobre a necessidade de considerar os elementos populares representados pelos trabalhadores, africanos e afro-brasileiros como essenciais na construção da “civilização brasileira”. A sua pergunta de fundo era o porque desprezar as raízes culturais e sociais que pesaram sobremaneira na constituição da sociedade brasileira e tentar infiltrar valores europeus que destoavam do pulsar cultural da população. Entre tantos elementos que destacou sob a ótica de quem viveu a força dos preconceitos, denunciou o quanto a cultura popular estava sendo rapidamente obscurecida pelas luzes da “civilização” e do “progresso”.

Explicitou a sua inquietação ao compreender que tudo o que assistia e experimentava fazia parte de uma política que visava o “desmoroamento moral”, político e cultural da sociedade, cujos principais alvos eram os pobres, os negros, os artistas, a população trabalhadora. Demonstrou que, na sociedade baiana e brasileira, estavam presentes aqueles que trabalharam para a construção da riqueza da nação – os africanos e seus descendentes – e que começavam a ser expulsos do circuito urbano com a sua cor, os seus hábitos e costumes, suas tradições que, ironicamente, integravam a sociedade dos brancos. Nesse aspecto, procurou afirmar que independente da política, do discurso eugênico que se pretendia incorporar à “Bahia civilizada”, havia “elementos indestrutíveis” presentes na alma da população, seja branca, negra ou mestiça. E a partir da recuperação da memória, da oralidade de africanos remanescentes, de afro-brasileiros, afrontou intelectuais, médicos, políticos e autoridades. Não estaria na contramão dos acontecimentos o seu afastamento compulsório da Secretaria da Agricultura em 1916, onde serviu por mais de 20 anos.

Rastros de memória, resistências na lembrança: a Bahia de outrora

Não apenas como escritor que narra a “Bahia de outrora”, Manuel Querino é visto como sujeito que se inclui nas suas narrações. Contando-se no

texto que produziu para questionar, comentar e criticar os caminhos adotados pela República da “ordem” e do “progresso”, narra, descreve, noticia o povo nas diversas cenas da cidade.

Em um jogo de comparação que permite ao leitor perceber o movimento de transformações ocorrido no cotidiano da cidade do Salvador, nas expressões sócio-culturais relativas, especialmente, a sujeitos incógnitos na historiografia tradicional, como negros, mulatos, pobres e artistas, que perambulavam pelas ruas da velha Salvador, Querino se coloca na posição de testemunha e participante em diversos eventos. Assim, rememora e registra o testemunho de quem esteve presente na construção de uma identidade e de uma nacionalidade. Recupera tradições manifestas nas tortuosas ruas da cidade, na culinária baiana, nos candomblés, nos ritmos culturais de africanos e descendentes.

Dos 59 títulos presentes nesta coletânea, entre artigos, crônicas, narrativas, notícias comentadas sobre a época do autor (1851-1923), estão aqui identificadas passagens que explicitam a sua presença escorregando entre as letras por ele registradas nas páginas de sua memória. São relatos intensos de crítica sócio-política que argumentam contra o esquecimento, logo a favor de algumas tradições rememoradas, na perspectiva da sua desilusão republicana. Neles, estão fixadas as tradições populares na Bahia, traduzidas pelas festas, pela culinária, pelos costumes familiares, pelo cotidiano, pela religiosidade, pelos fatos históricos, nas quais a presença do negro, escravo, africano livre, a população em geral, se fazem constantes. Lembranças contrabalançam os dados do presente vivido pelo autor ao refletir e falar a cidade do Salvador dos primeiros anos do século XX, descrevendo-a no contexto dos caminhos traçados pela República, cuja palavra de ordem é o “Progresso” e ao mesmo tempo o “esquecimento”.

Assim, o texto de Manuel Querino articula experiências vividas, observadas, lidas e ouvidas, logo interpretadas e reconstruídas numa escrita que transita pela crônica, ao perseguir o rastro que, segundo Jeanne Marie Gagnebin,

“inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente”⁴¹, cujo liame com a memória torna-se fragmento. Apesar da reconhecida fragilidade da memória e da escrita, tendo em vista a dupla ausência “da palavra pronunciada (do fonema) e da presença do ‘objeto real’ que ele significa”⁴², a sua riqueza deve ser reconhecida nas dimensões da ética e da política no autor, como tarefa de luta contra o esquecimento e a denegação. Neste sentido, o “trabalho da memória que, justamente por se fundar sobre a luta contra o esquecimento, é também o reconhecimento implícito da força deste último: o reconhecimento do poder da morte”.⁴³

O que Manuel Querino pretende registrando e dando significado a acontecimentos que marcaram sua época, nada mais é do que transmitir que o “inesquecível existe”.⁴⁴ Lutando contra o esquecimento ele está lutando a favor da inclusão de sujeitos ativos, criativos, militantes e integrados na construção de uma identidade nacional e contra a omissão ou ainda a ausência que poderia apagar os rastros de pessoas comuns, negros excluídos, que, sem nomes, sem trajetórias, sem existência, tornar-se-iam mortos sem sepulturas. Em “Cheganças”, descrição de uma das festividades de origem colonial, inicia com o seguinte comentário: “Era em outros tempos, tempos saudosos, pela sua singeleza patriarcal, a festa predileta dos pescadores da Bahia...”.⁴⁵

O sujeito-autor refere-se, em algumas passagens, ao caráter atribuído a seu texto como “rememoração”. Ao tratar, por exemplo, da Bahia religiosa e descrevendo o ritual da “Extrema-Unção”, explicita: “E assim vão desaparecendo, na espessa sombra do esquecimento (grifo meu), entranhadas usanças que implantaram a fé e a crença no coração compassivo do povo”.⁴⁶

Em A Festa do Espírito Santo, Manuel Querino, após descrição detalhada dos festejos, refere-se à tradição com saudade: “A tradição continua, mas, sem o brilhantismo antigo.”⁴⁷

Persegue em seu discurso a necessidade de confrontar o presente com o passado, identificando vantagens oferecidas pelos avanços materiais, mas, acima de tudo, reconhecendo a força de maiores desvantagens oriundas da “obra do Progresso”. Uma obra que constrói sobre alicerces destruídos, os quais representam o “esquecimento”. Assim o sujeito-autor vai esquadrihar fragmentos de um passado no qual foi espectador e participante, sentindo o peso daquele “progresso” que pretendia atropelar a tradição e desamarrar laços do passado que não mais serviam aos ideais do progresso trazidos pela “civilização” educada, letrada, fina, sofisticada da Europa industrial e liberal.

O Progresso, para Querino, torna-se, no seu argumento, o tiro certo, cuja pontaria é o esquecimento, no apagar de rastros deixados por sujeitos que caminhavam pelas estreitas ruas da velha cidade. Assim, o autor marca com precisão a sua angústia: “Quando ele [o progresso] aparece numa cidade tudo se transforma, os usos e os costumes dos velhos somem-se, para as novidades imperar.”⁴⁸

Com a sensibilidade de um artista e observador do presente a partir da tradição, Manuel Querino elabora uma crítica sobre a tendência nas sociedades capitalistas, civilizadas, modernas. Aqui a indicação sobre o fim de uma existência, em que “costumes dos velhos somem-se”, identifica o sentido destes constituírem-se em “fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara”, como tão bem assinala Marilena Chauí.⁴⁹ É uma denúncia contra aquilo que sinalizava a fronteira do que foi para o que será. É um alerta contra a opressão sentida pela demolição de “paisagens de uma vida inteira”.⁵⁰

As cenas se sucedem. Retratadas em enredos variados e sintetizadores da vida na cidade, Manuel Querino passeia na sua simplicidade de observador e escritor. Inclui-se no texto e nas lembranças de quem experimenta e sente na alma os fragmentos da rotina social, recordando-se: “Estávamos em pleno regime da escravidão...”⁵¹

Na sua prática de bom observador, participante e analista das mudanças de costumes que atingiam a sociedade baiana, Manuel Querino identifica nos diversos espaços de sociabilidade os diferentes grupos sociais freqüentadores e as funções que desempenhavam. Enquanto nas boticas os intelectuais, grupo social aqui identificado como freqüentadores preferenciais deste espaço, discutiam política, jogavam gamão e tramavam revoltas; os “grandes da terra”, quais sejam os políticos, negociantes, senhores de engenho, se reuniam para jogar nas casas de “tavolagem”.

Os ricos jogavam a dinheiro, os intelectuais discutiam política e tramavam revoltas, enquanto o homem do povo era

encontrado nos botequins a jogar “três-sete” ou o “víspera”, ou então nos oratórios públicos, encravados nas paredes dos edifícios, a rezar, mais por exhibir os seus recursos de afinada voz, do que por devoção, ou ainda era encontrado no adro das igrejas a discutir política e a esmerilhar a vida alheia.⁵²

Querino passeia pela noite, participa, observa e analisa a sociedade em seu movimento miúdo, identificando, nos diferentes espaços de sociabilidade, a convivência de costumes em todas as camadas sociais. Apesar de diferenciar os tipos de assuntos e jogos a partir dos grupos sociais, consegue sintetizar em um movimento único, o plural nas condutas sociais.

A sua presença está marcada nos três espaços por ele descrito. Contudo, a sua proximidade é mais intensa ao grupo dos intelectuais que freqüentava as boticas, a loja de charutos “Progressista” que existiu por longos anos na “antiga rua do Palácio, hoje rua Chile, de propriedade de Laurentino de tal”. Foge à memória de Manuel Querino o sobrenome do proprietário da loja de charutos, que, enquanto ouvia os debates políticos, “vendia charutos “Havana” por bom preço, adquiria boas relações de amizade e andava ao corrente de tudo que se passava nas altas rodas da política”.⁵³

No seu percurso em direção à rotina barulhenta e ao mesmo tempo silenciosa do povo na movimentada cidade do Salvador, revela mais um dos

aspectos da vida social, ao lembrar de Marcelino, velho oficial de sapateiro, e o operário Roque Jacinto da Cruz, personagens destacados pelo autor entre tantos outros que compunham o grupo chamado de “oradores do povo”. São exemplos de oradores inteligentes e eloqüentes, que servem para demonstrar a participação e envolvimento das camadas populares nos mais diferentes momentos da vida social. Na política, o povo estava presente nos diversos debates que ocorriam nos adros de igrejas, nos botequins, nas oficinas, nas ruas.... Para Querino, era no Império que o povo de fato participava com opinião das discussões e movimentos político-partidários. Na República, por sua vez, tal prática havia desaparecido.

Rememorando passagens em que os referidos oradores populares haviam se destacado com inteligência e galhardia, Querino explicitamente se inclui em uma delas ao dizer que “ouvira” em certa ocasião “o sapateiro Marcelino recitar um trecho de sermão pregado por fr. Raimundo, no Convento de São Francisco, na festa do Padroeiro”.⁵⁴ Passa a citar o sermão, ou parte dele, como se guardasse de memória o texto com exatidão. E segue: “Lembra-me (grifo meu) ainda, recitado pelo Marcelino, do exórdio de um sermão de Sexta-feira Santa, pregado no Convento do Carmo por fr. José Joaquim do Amparo”.⁵⁵

A sua capacidade de expressar o sentimento de saudade nas entrelinhas do seu texto, faz com que Manuel Querino revele intensa insatisfação com alguns dos caminhos adotados pela República da civilização, da ordem e do progresso. Neles, o esquecimento se tornava via obrigatória para incluir o Brasil, e a Bahia em particular, na rota da “civilização”.

Bem poucos se recordarão, hoje, do velho sapateiro, cuja memória prodigiosa causava verdadeira admiração. Quem com ele conversava por algum tempo tinha logo a idéia de que não tratava com analfabeto, e, no entanto, Marcelino não sabia ler; e tão bem usava dela, sem afetação, que facilmente iludia.”⁵⁶

Manuel Querino expressa o sentimento de desilusão diante de uma República sonhada e por outra realizada. A sua utopia, enquanto “espírito popular”, se vê ameaçada, não obstante esperançosa no “porvir”. Para ele, apesar de adormecida, a alma popular não morreria. Ao narrar "A Noite Primeira de Julho" em especial, a festa do 2 de Julho se constitui em argumento para Querino desabafar diante da realidade política instalada com a República, especialmente na Bahia. Havia sido fiel a seus princípios liberais, enquanto espírito sério e refletido que conjurou os males do Império, participando, militando e acreditando nos planos republicanos. Demonstrando decepção diante dos caminhos adotados, Querino sente-se adormecido e pede que não o acordem, como solicitara Miguel Ângelo ao responder sobre os males da Pátria de sua época.

A eletricidade iluminara as “trevas”, o automóvel invadira as ruas, a solidariedade do povo recolhera-se nas casas, costumes alimentares modificavam-se, a mulher saía do lar para a rua, a moda masculina transformara-se em “snobismo da mais alta parvoíce”⁵⁷, o cantor de modinhas desaparecera da música da cidade.

“Tudo isto é bom” porém “tenho (grifo meu) saudade desses dias que passaram na voragem do tempo”, apela Querino ao recordar-se de como havia sido criado “vendo o andador das almas pedindo – uma esmola para as almas santas e benditas do purgatório, nas segundas-feiras, metido em sua capa verde e com a bolsa com a estampa de prata para a gente beijar...”⁵⁸ Incluído no discurso, como participante e testemunha, Manuel Querino jorra em suas articulações entre passado-presente-futuro o gosto amargo de quem havia provado a doçura dos tempos antigos, concluindo com esta metáfora: “Não há mais nada disso; tudo se afundou pela guela do minotauro que inventou os pórticos iônicos e os elevadores elétricos. De si nada ficou. As revistas não recolheram as suas silhuetas nem a imprensa o seu perpassar pelas ruas.”⁵⁹

A nostalgia perpassa a lembrança do autor ao rememorar o Cantor de Modinhas na cidade, ou a cidade com o Cantor, estrangulado pelo progresso. Progresso este que fez recolher o Cantor ao esquecimento, sepultado na sua solidão e na sua falta de “função”.

Manuel Querino conclui com a dor de quem perdeu no passado a alegria de uma vida poeticamente feliz, em que as lutas internas eram travadas nos interstícios do cotidiano do ébrio, do trabalhador, do artista, do povo que caminhava pelas velhas e estreitas ruas coloniais, construindo a história e degustando sabores de receitas praticadas por sujeitos que experimentaram e realizaram a todo o instante momentos de vitórias e outros de derrotas. A maior derrota, contudo, veio com o progresso.

Querino reconhece a necessidade de não enterrar o passado. Para ele, lembrar se torna um exercício de re-fazer o percurso de uma experiência que haveria de ser apagada pela luz do progresso. Ao registrar sentimentos e ressentimentos, concretiza na escrita o que pensava, assistiu, ouviu, aprendeu e experimentou na sua própria trajetória enredada no circuito de tantas outras que por ele cruzaram. Fez registrar o que teve significado nas entrelinhas de uma leitura própria de um cronista, de um artista, de um poeta que, ao utilizar-se da memória e da observação, fez desabrochar uma ira, uma vergonha, uma decepção! Nada foi salvo! O progresso matou, porém não haveria de sepultar a memória de quem, com astúcia e agudeza, imprimiu em seus escritos a passagem da “era da penumbra” para outra dita “das luzes da civilização”. A partir do lugar social que ocupava, registrou o seu ponto de vista, revelando, de certa forma, a experiência e percepção da população invisibilizada que vivia nas sombras do passado e do presente.

Considerações finais

Como criador e intérprete, Querino enobrece um mundo inscrito na sua memória, numa interdependência entre o vivido e o narrado. Reconhece-se no

universo construído por quem deseja ressuscitar o que teria ficado no esquecimento, ao resgatar a memória coletiva, recuperando o eu refletido no outro, fugindo, assim, do destino individual para buscar a aceitação da alteridade. Desta forma, Querino “lembra para continuar vivendo e tomar consciência de si”, conforme Burgos.⁶⁰

A obra de Querino, memorialística, autobiográfica, é um produto histórico que ultrapassa o valor de documento histórico e psicológico ao revelar-se como texto literário. Assim, evocando o passado a partir do presente, o autor registra na recordação como “uma aproximação ou enfretamento entre o passado da recordação e o presente da escrita [tendo] como objetivo encontrar o tempo perdido e fixá-lo para sempre”.⁶¹ Aquele baiano negro, nascido no tempo da escravidão, testemunhou e conseguiu impregnar de sabores, gestos, odores, sons, ritmos, atitudes um ambiente vital, que excedeu a individualidade indo ao encontro da história de grupos sociais incógnitos.

Decepcionado com o destino de trabalhadores livres e libertos pela Lei de 13 de maio de 1888, que oficializava a universalização do trabalho livre, no pós-abolição e na República proclamada, Querino morreu reivindicando o lugar do africano e de seus descendentes no seio de uma sociedade justa e inclusiva. A sua produção intelectual, genuína, autêntica e militante, apresenta-se como elo que re-liga o presente da escritura com o passado do autor no fluir do tempo que alcança o século XXI. O que disse, o que fez, o que pensou foi mantido como princípio que o guiou ao longo da sua vida e merece ser compreendido à luz da historiografia recente que visa recuperar trajetórias de sujeitos históricos ainda mercedores de visibilidade.

A sua trajetória foi marcada por ações de vanguarda, caracterizadas pela criatividade, polêmica, propaganda e pela crítica. Conseguiu sair do anonimato, passando a integrar a galeria dos estudiosos baianos que levantaram a bandeira da participação ativa de africanos e descendentes na construção do Brasil. Foi o mérito do falecido. A sua luta foi eternizada em seus escritos, considerados fonte

de inspiração, nos quais a memória se constituiu em principal arma de resistência ao persistir na batalha pela afirmação histórica dos excluídos do “banquete da civilização”. Afinal, a sua matriz social e racial o impulsionou nas suas conquistas. Querino, nesse sentido, foi pioneiro na interpretação sobre a sociedade brasileira e baiana em particular ao levantar duas questões: o lugar do “povo” na República, inicialmente, e, depois, o lugar do negro na sociedade brasileira. Fez-se escutar. Contou a história do africano, do negro, do mestiço, do pobre, do artista, do trabalhador. Ele emergiu do meio popular. Sua matriz africana referendou o seu trabalho intelectual sobre a identidade brasileira. Contou a sua história.

Notas

* Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) (2004), com pós-doutorado pela Universidade do Porto (2010-2011). Professora titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) atuando no Departamento de Ciências Humanas e na Pós-Graduação em História Regional e Local (Campus V). Áreas de interesse: História Política, Social e cultural do Brasil e da Bahia; Biografia e trajetórias de populações afro-brasileiras; História institucional; História do trabalho e da organização sócio-política, cultural e educacional da classe trabalhadora; História, literatura, trabalho e cidade. - Vínculos em grupos de pesquisa: Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória – CITCEM – investigadora vinculada ao Grupo MEMÓRIA, PATRIMÓNIO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES (Faculdade de Letras da Universidade do Porto-Portugal); Grupo de Pesquisa História Regional e Local – pesquisadora (UNEB/Mestrado em História Regional e Local); - Grupo de Pesquisa História, Literatura e memória – pesquisadora (UNEB). E-mail: gal.leal@yahoo.com.br

¹ ATHAYDE PEREIRA, Gonçalo de. **Prof. Manuel Querino, sua vida e suas obras**. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1932, p. 29.

² Faleceu às 5:00 horas da manhã do dia 14 de fevereiro de insuficiência mitral de concomitância = paludismo (malária) e sepultado no mesmo dia por volta das 17:00. Doc.: Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB): Certidão do registro Civil e Óbito de Manoel Raymundo Querino atestado pelo Dr. Guilherme Pereira da Costa.

³ **Diário de Notícias**, 15 de fevereiro de 1923.

⁴ Idem. Foi enterrado no carneiro no. 25 da Irmandade de Santa Cecília. A irmandade de Santa Cecília, segundo o próprio Querino, foi ereta primitivamente na matriz de Nossa Senhora da Conceição da Praia e reunia aqueles que exercitavam a profissão de músico – cantor ou instrumentista. Depois, passou a funcionar no convento dos religiosos franciscanos. Tinha por objetivo “socorrer os seus confrades, no caso de moléstia e decrepitude.” QUERINO, Manuel. A Irmandade de Santa Cecília. In: QUERINO, Manuel. **A Bahia de Outora**, – Vultos e Fatos Populares. Bahia: Livraria Progresso/Coleção de Estudos Brasileiros, série 1ª – Autores Nacionais, 1946. [3. Ed.] (Com prefácio e notas de Frederico Edelweiss). pp.95-98.

⁵ **Diário de Notícias**, 15 de fevereiro de 1923.

⁶ **Diário da Bahia**, 16 de fevereiro de 1923.

⁷ Uma boa discussão sobre a obra de Manuel Querino na perspectiva da historiografia de seu tempo, com uma abordagem relativa aos intelectuais que utilizaram e avaliaram a sua obra, consultar a dissertação de PEREIRA, Paulo Marcos. **Manuel Querino: percursos de um historiador negro e a historiografia de seu tempo – Bahia (séculos XIX-XX)**. UNEB-Pós-Graduação em História Regional e Local, 2015.

⁸ Doc.: Livro de Batismo, 1846 a 1854, p. 220. Arquivo da Cúria.

⁹ **O Democrata**, 15/02/1923. Sobre a história do Liceu ver LEAL, 1996.

¹⁰ Doc.: Atas da Congregação da Academia de Belas Artes de 1881, 1882, 1883, 1892. Termos de Julgamento dos trabalhos de 02/06/1880, 08/02/1882 e 21/12/1883. Querino, **Artistas Bahianos – indicações biográficas**. Bahia: Officina da Empresa “A Bahia”, 1911. [2. edição melhorada, cuidadosamente revista] 1911, p.146-149.

¹¹ Antônio Bahia foi um professor de prestígio que atuou em diversas frentes na Salvador do século XIX. Tornou-se deputado provincial no Império e, na República, participou de diversos pleitos municipais, seguidos de sucessivas derrotas.

¹² QUERINO, **Artistas Baianos**, op. Cit. pp. 146-147. Naquele período, provavelmente após ter concluído o curso de Desenhista pela Academia de Belas Artes, Querino casara-se com Cecília do Espírito Santo Quirino, com quem teve quatro filhos: Maria Anathildes Querino, nascida em 1884 aproximadamente; Manoel Querino Filho (1887-1908); Paulo Querino (1890-1935) e Alzira Querino (1894-1921).

¹³ Segundo J. Teixeira Barros, na Introdução de QUERINO, Manuel. **A Bahia de Outrora – vultos e fatos populares**, Bahia: Econômica, 1916, Querino havia colaborado na *Gazeta da Tarde*, jornal abolicionista, escrevendo sobre a libertação dos escravos..

¹⁴ HARDMAN, Francisco Foot. **Cidades Errantes: representações do trabalho urbano-industrial Nordeste do século XIX**. Ciências Sociais Hoje, 1988. pp. 75-76.

¹⁵ LEITE, José Roberto Teixeira. **Pintores Negros do Oitocentos**. São Paulo: Edições K; Motores MWM, 1988. P. 91.

¹⁶ *Jornal de Notícias*, 10/01/1893. Foi nomeado para o segundo batalhão de posição. Em documento não datado, identificado no Arquivo Nacional “Livro de Índice Geral dos Oficiais da Guarda Nacional deste Estado – Bahia”, consta no N.º. 359 – Letra M - Manuel Raymundo Querino, no posto de capitão da 7ª brigada de artilharia na comarca de Maragogipe. Entre os nomes aparecem alguns conhecidos como o de Domingos Silva (capitão) com a observação de “morto”, Cosme de Faria (Major), Ismael Ribeiro Mendes (Tenente Coronel). Certamente é um documento posterior a 1895 porque quando toma posse no Colégio dos Órfãos de S. Joaquim ainda é referido como tenente.

¹⁷ Doc.: Ata da Sessão do dia 14/7/1895. Arquivo Casa Pia e Colégio dos Órfãos de São Joaquim. No Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, Querino vai aparecer como professor de desenho industrial a partir de 1905.

¹⁸ Doc.: Atas da Academia de Belas Artes de 07/01 e 03/02/1895.

¹⁹ Doc.: Em requerimento de 7 de fevereiro de 1913, Manuel Querino contava com 20 anos de serviço público (APEB, petições), o que sugere ter ingressado em 1893.

²⁰ Querino sofreu perseguições que se tornaram públicas, por razões não identificadas. Uma delas foi veiculada na imprensa local ao defender-se de acusações de “um tal Silvano”. Tratava-se de Silvano Ramos de Queiroz, Conselheiro Municipal por diversas legislaturas (1904-1907; 1916 a 1927). *Diário de Notícias*, 17/11/1903, p. 03. *Diário de Notícias*, 20/11/1903.

²¹ Em 3 de maio de 1894, Manuel Querino participou da fundação do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia-IGHB, tornando-se sócio efetivo fundador e depois honorário. Ali, envolveu-se no seu funcionamento, especialmente a partir de dezembro de 1899, fazendo-se

mais presente nas sessões e integrando Comissões. Realizou diversas doações e passou, a partir de 1905, a publicar diversos artigos na Revista do Instituto.

²²Entre livros e artigos, contabilizamos cerca de 22 publicações, sem considerar as sucessivas reedições até os dias atuais.

²³Arthur Ramos prefaciando QUERINO, Manuel. **Costumes Africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938 (Prefácio e Notas de Arthur Ramos).

²⁴SHARPE, Jim. A História Vista de Baixo. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. S.P.: Ed. da UNESP, 1992. P. 60.

²⁵BURGOS, Elizabeth. Meu nome é Rigoberta Menchú apud JOSEF, Bella. **“(Auto)Biografia”**: os territórios da Memória e da História. In: LEENHARDT, Jacques e PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). **Discurso Histórico e Narrativa Literária**. Campinas, S.P.: Editora da UNICAMP, 1998. P. 298.

²⁶QUERINO, Manuel. **As artes na Bahia** (Escoço de uma contribuição histórica). Salvador-Ba: Bahia: Typ. E Encadernação do Lyceu de Artes e Offícios, 1909.

²⁷QUERINO, Manuel. **Costumes Africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938 (Prefácio e Notas de Arthur Ramos).

²⁸VALLADARES, Clarival do Prado. **Riscadores de Milagres**. Rio de Janeiro: Secretaria de Educação do Estado da Bahia, 1967. p. 141.

²⁹Ibid., pp. 139-141.

³⁰Frederico Edelweiss em prefácio da Terceira Edição de A Bahia de Outrora, op. Cit., 1946.

³¹ALVES, Marieta. **Notas**. Anais do 1º Congresso de História da Bahia. Salvador, V. 5, 1951. p. 542. A autora se refere a QUERINO, Manuel. **Artistas Baianos** – indicações biográficas. Rio de Janeiro, 1909.

³²Torquato Bahia no Prólogo de Artistas Bahianos, op. cit. p. III.

³³Ibid., p. II

³⁴QUERINO, **A Bahia de Outrora**, op. cit., pp. 281-291.

³⁵A Raça Africana teve a sua 2ª edição publicada no ano seguinte, 1917; depois, em 1938, o texto foi inserido na publicação **Costumes Africanos no Brasil**, organizada e prefaciada por Artur Ramos. Novamente foi publicada em 3ª edição em 1955 e, por fim, em 2ª edição de **Costumes Africanos** em 1988, organizada, prefaciada e com notas de Raul Lody e apresentação de Thales de Azevedo, por ocasião das comemorações dos 100 anos da abolição. Outra edição foi publicada em 2010 pela Editora da Universidade do Estado da Bahia (EDUNEB), inserida na Coleção Nordestina, com Prefácio de Wilson Roberto de Mattos e Marluce de Lima Macêdo.

³⁶QUERINO, 1938, op. cit. p. 22

³⁷Idem, nota 1.

³⁸O 5º Congresso Brasileiro de Geografia aconteceu entre os dias 7 e 15 de setembro de 1916 em Salvador. Ver notícias nos Jornais Diário da Bahia e Diário de Notícias de 02 a 16 de setembro de 1916.

³⁹O Democrata, 03/12/1916, p. 01.

⁴⁰Idem.

⁴¹GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e Memória do Passado. **Projeto História**. Trabalhos da Memória, 17. SP: EDUC, 1998, p. 218.

⁴²idem, p. 218

⁴³idem, p. 219

⁴⁴idem, p. 221 op. cit. Kirkor Beladin.

⁴⁵QUERINO, 1946, op. cit. p. 57.

⁴⁶Ibid., p. 123.

⁴⁷Ibid., p. 92.

⁴⁸Ibid., p. 261.

⁴⁹ Marilena Chauí em Apresentação de BOSSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. S.P.: Companhia das Letras, 1994 [3ª. ed.] p. 18.

⁵⁰ Ibid., p. 19.

⁵¹ QUERINO, op. cit., 1946, p.117.

⁵² Ibid., p.108.

⁵³ Ibid., p. 107.

⁵⁴ Ibid., p. 209.

⁵⁵ Idem..

⁵⁶ Ibid., p. 210.

⁵⁷ Ibid., p. 260.

⁵⁸ Ibid., p. 261.

⁵⁹ Ibid., 262.

⁶⁰ BURGOS, op. cit., p. 298.

⁶¹ Ibid., p. 301.